

TRATAMENTO DAS DISFEMIAS: GAGUEIRA OU TARTAMUDEZ PELA ANÁLISE TRANSACIONAL

Antonio Pedreira

Médico, Psicoterapeuta, Especialista em Análise Transacional pela FATEP/ UNAT-BR, Membro Didata Clínico da Unat-Brasil e ALAT, Ex-Diretor de Ética da Unat-Brasil e Ex-Presidente ALAT (2007-09). Também é autor de 12 livros sobre temas de AT.

O sofrimento de quem sente a impossibilidade de se expressar com fluidez em sua fala, por conta de um súbito bloqueio emocional involuntário, é imensurável. Quem já padeceu dessa dor psíquica – como eu – entende muito claramente o valor de receber opções para se libertar desta aflição secreta, mediante aplicação prática de elementos da Análise Transacional (AT). Compartilho aqui minha experiência no tratamento de dezenas de pessoas com esta condição ao longo de minha carreira como médico e psicoterapeuta.

No senso comum, disfemia e gagueira são palavras pouco conhecidas do grande público! Na área psicológica estes termos traduzem problemas de linguagem verbal, provocados pelo surgimento de contrações tônicas (= rígidas) ou clônicas (= em espasmos) da musculatura do aparelho fonador, durante o falar.

Por conhecer bem tal sofrimento intrapsíquico, e por ter acompanhado um número significativo clientes com esta problemática – constatando quais os prejuízos na vida interpessoal deles – em consequência de algum grau da gagueira, e também os benefícios obtidos ao utilizar, neles, o suporte psicoterápico da AT, teoria criada nos anos 60 por Eric Berne. Este artigo enfoca o que a AT pode oferecer como auxílio a indivíduos que padecem deste transtorno da emissão verbal. O meu desafio é apresentar aqui a abordagem exitosa que obtive com a utilização dessa teoria.

É universalmente aceito hoje que a gagueira é uma condição não neurótica, e, com base em pesquisas e metanálises realizadas desde o século passado na área da psiquiatria, inclui as pessoas afetadas por este transtorno que constituem um enorme grupo de pessoas não neuróticas. Muitos desses, buscam um remédio ou cura mágica, que as vezes se tornam metas inalcançáveis.

Desde a antiguidade clássica, temos notícia da ocorrência da gagueira e de atípicas e surpreendentes propostas de cura pelos mais diversos métodos e processos. Um dos exemplos ilustrativos foi o que ocorreu com Demóstenes, o mais notável orador da Grécia antiga.

Consta que, durante seu primeiro discurso, foi vaiado pelo público. Isso se devia ao fato de Demóstenes ter um grave problema: **era gago**. As palavras se atropelavam em seus lábios e ele não conseguia se fazer entender. Diz-se que alguém do público gritou: “Coloque o ar em seus pulmões e não no cérebro!” Isso lhe causou um grave impacto. No entanto, estava decidido a alcançar sua meta e superar este obstáculo que parecia tão grande. (DEMÓSTENES, 2021)

O sofrimento psíquico de Demóstenes, àquela época, não difere dos atuais portadores da gagueira, levando-lhe a usar um processo de cura bastante estranho:

Quando surgiam as primeiras luzes do sol, Demóstenes ia à praia, e gritava para o astro rei com todas as suas forças. Seu objetivo era fortalecer os pulmões. Tinha aceitado o conselho daquele personagem anônimo em sua plateia inicial. Depois de realizar este ritual, voltava para casa para praticar, e o fazia de uma forma muito particular. **Colocava um punhado de pedras dentro da boca e colocava uma faca entre os dentes. Assim, se obrigava a falar sem gaguejar.**” (Idem, 2021, com grifos do autor desse artigo)

Mereceu do filósofo e historiador grego Plutarco, que viveu em Delfos entre 46 d.C. e 120 d.C., o seguinte testemunho: “Demóstenes, cujo talento, recebido pela natureza e desenvolvido com o exercício, foi usado na oratória, chegou a **superar** em energia e veemência todos os que competiram com ele na tribuna e no foro” (Idem, 2021).

Na atualidade, podemos enumerar algumas destas técnicas, ainda em uso com o objetivo de minimizar e/ou curar a gagueira: Hipnose, Relaxamento, Autoajuda, medicações tranquilizantes, técnicas de sugestão, Psicoterapias, Biofeedback, Eletromiografia e outras, além de recorrerem a Fonoaudiólogos. Trata-se, portanto, de uma abordagem multidisciplinar, em que o papel do psicoterapeuta – analista transacional – com seu corpo teórico bem acessível à compreensão, e também a sua ampla aplicação prática, a AT tem se mostrado de fundamental importância para a perspectiva de superação desse transtorno disfêmico.

Gagueira consta do famoso catálogo do CID 11, como a condição **F-98.5** a qual a descreve como caracterizada por repetições ou prolongamentos frequentes de sons, de sílabas ou de palavras, ou por hesitações ou pausas frequentes que perturbam a fluência verbal. Ressalte-se que, só se considera como transtorno, caso a intensidade da perturbação incapacite, de modo marcante, a fluidez da fala. Isto exclui a linguagem precipitada, catalogada no CID 11 como outra condição (**F.98.6**).

Já no consagrado DSM–V, a gagueira está indexada como **307.0**, onde este mesmo transtorno é apresentado de modo mais descritivo e detalhado, da seguinte maneira – 307.0 Gagueira.

- A. Uma perturbação na fluência e no ritmo da fala (que não é própria da idade do indivíduo), caracterizada por ocorrências frequentes de um ou mais dos seguintes aspectos: (1) repetições de sons e sílabas; (2) prolongamento de sons; (3) interjeições; (4) palavras truncadas (p.ex., pausas dentro de uma palavra); (5) bloqueio audível ou silencioso (ex., pausas preenchidas ou não preenchidas na fala); (6) circunloquções, ou seja, substituições de palavras para evitar as que lhe são problemáticas; (7) palavras produzidas com um excesso de tensão física; (8) repetições de palavras monossilábicas completas, por exemplo: “**Eu-eu-eu** vou”.
- B. A perturbação na fluência interfere no rendimento escolar e profissional ou na comunicação social.
- C. Em presença de um déficit da fala ou déficit sensorial, as dificuldades na fala excedem as habitualmente associadas com estes problemas.

A abordagem psicoterápica com análise transaccional visa dar consciência à pessoa de que o problema da fala é um dos muitos aspectos do complexo de qualidades e limitações pessoais, de cada um, e de todos seres humanos. Aqui, o ponto de partida pode ser um importante exercício em que o psicoterapeuta solicita que a pessoa prepare uma lista de 10 qualidades e de 10 limitações pessoais. O objetivo último será o de facilitar a tomada de consciência de seu Sistema de Crenças, do seu Quadro de Referência, além de seus conceitos de auto valoração.

1. CONSCIENTIZAÇÃO: PREMISSAS E EXERCÍCIOS REFORÇADORES

Conscientizar o **Adulto** da pessoa de que, gaguejar não é apenas um modo de falar, e sim **um modo de sentir**. Para tornar mais claro essa assertiva, propõe-se que passem a observar e constatar com atenção os seguintes passos:

- a) Duas pessoas não gaguejam do mesmo modo, embora possam ter características em comum, em seus processos disfêmicos.
- b) Todo mundo gagueja em algum momento, na dependência do clima emocional e das circunstâncias.
- c) Às vezes, pessoas que admiramos como tendo dicção perfeita e cuja fala é de dar inveja, elas podem não gaguejar em termos de repetição de sons ou sílabas, mas apresentam

tiques e/ou cacoetes, ou mesmo contrações espásticas da musculatura da mímica facial, ou de músculos mastigatórios, e/ou da deglutição. São os equivalentes sintomáticos da gagueira que, às vezes, se manifestam por movimentos súbitos dos braços, mãos, pernas e pés, muitas vezes confundindo-se com uma mímica exagerada semivoluntária.

d) Estabelecer um **Contrato** terapêutico, para a realização de uma tarefa prática. Nela, será sugerido que observem dez pessoas próximas, ou mesmo de apresentadores da TV, para que se possa constatar as três premissas supramencionadas. O complemento dessa tarefa será escrever um relatório do que foi constatado pelo seu **Adulto**, na condição de Ego observador.

e) Propor-lhe o desafio de fazer a implosão do grande segredo: a revelação da existência da gagueira.

Depois de significativo trabalho de observação, segue-se a constatação fática de que – a maior parte das pessoas que têm gagueira – tende a procurar ocultá-la, como se fosse um terrível defeito físico, comparável a um “aleijão”. Essa descoberta pode se mostrar bem motivadora a levar o cliente encarar e superar, todos os **Disfarces** usuais que funcionam como uma espécie de camuflagem social. Em um ambiente acrítico e acolhedor, o sujeito poderá fazer tal confissão, sem ter de suportar toda a dificuldade antes imaginada, desde que lhe seja oferecida uma ausculta empática. Segue-se a **Permissão** para se ser como é. Tal revelação, todavia, não o isenta de padecer de **Diálogos Internos** geradores de sentimentos de vergonha, com o conflito do tipo – “quero falar, mas tenho medo de falar” – e faz disto um enorme segredo, do qual costuma advir muita ansiedade e angústia.

A tarefa prática subsequente, a ser sugerida, pode ser um combinado para que essa pessoa eleja cinco amigos próximos, ou colegas, para revelar o seu grande segredo. A constatação importante é de que o sofrimento na fantasia supera – de longe – o que efetivamente sofreu. Assim, começa a fazer o desejável enfrentamento de falar em público, após comprovar que o medo antecipado foi mais forte do que a experiência real de palestrar ou dar uma entrevista pela TV, fazer uma Live, ou mesmo no que se refere à chegada a um novo chefe.

Também é muito válido, encorajar o cliente a outro desafio, quando ele vai contatar pela primeira vez, ou tiver de enfrentar um novo entorno, quer seja um ambiente de trabalho ou uma sala de aula. Fica, então, recomendado o **Contrato** terapêutico com uma tarefa específica, em que o treinando procure se dirigir ao chefe, ao líder ou ao professor, para dizer-lhe que tem algum problema na sua expressão verbal, que é o da gagueira, e que vai precisar, às vezes, de um tempo maior para se comunicar. Solicitar paciência e compreensão para não o apressar, o que resulta, na maioria das vezes, em um considerável alívio da tensão – além da compreensão

que usualmente sobrevém – poupando-lhe de continuar a vivenciar a frequente sensação de ridículo, ao falar.

2. ENTENDIMENTO DO DIÁLOGO INTERNO PERTURBADOR

O mau sentimento mais frequente em pessoas com gagueira advém de vozes na cabeça (STEINER, 1974; BERNE, 1985) resulta de um conhecido Diálogo Interno de auto acusação, em que o **Pai Crítico** interno estabelece uma devastadora auto crítica, dirigida, na maior parte das vezes, à sua **Criança Adaptada Submissa**, com a **Exclusão do Adulto**.

A compreensão dos **Estados do Ego** e suas patologias, está ao alcance de todos os participantes do Curso de Introdução à Análise Transacional (AT-101), o que poderá facilitar sobretudo na adesão a uma compreensão do seu processo de resolução da gagueira, pela possibilidade de autoconhecimento de seu sistema de pensamento, sentimento e conduta. (BERNE, 1985). Na minha experiência, o autoconhecimento das variáveis que costumam induzir o aparecimento e manutenção da gagueira, mais a possibilidade de diagramar o seu processo de modo direto e claro, funcionam como um fator facilitador para a resolução de um problema que dantes se lhe afigurado como complexo demais e insolúvel.

3. TRABALHO COGNITIVO E COMPORTAMENTAL PARA ABANDONAR AS “MULETAS”.

É sabido que, as pessoas com gagueira desenvolvem uma incrível capacidade de antevisão das circunstâncias, propícias a desenvolver o bloqueio da musculatura da fala. Outrossim, desde que tome consciência de suas estratégias criativas, em procurar evitar as possíveis palavras que ele já pressente que, de certo, serão mais difíceis de pronunciar, isso pode ser o ponto de partida para a sonhada cura da indesejada gagueira. Tal artifício consiste, de uma habilidade desenvolvida pela repetição de um padrão de expressão verbal. Assim, em alta velocidade, escolhem vocábulos do seu repertório de palavras – já testadas previamente – sem que o problema da gagueira ocorra. Por isso, pessoas com gagueira utilizam de grande criatividade para fazer a evitação, ou mesmo proceder a eficaz substituição de certos vocábulos, que costumam ter dificuldade em expressá-los. Chegam a ampliar significativamente o seu vocabulário pessoal.

Comumente, durante a anamnese, o próprio cliente tende a confessar – de bom grado – o repertório de “truques” que utiliza. Alguns destes recursos secretos acabam se tornando bem evidentes aos interlocutores, mediante: jeitos de boca e de face, coçar os olhos fechados, cobrir os lábios com a mão, apertar o nariz, pigarrear, fazer gesticulação afetada, tossir, rir-se antes de

emitir a fala, e outras astúcias. Ademais, poderá revelar outros truques sutis, como: respirar bem fundo, desviar o olhar para o lado, fazer uma pausa prolongada, não raro acompanhada de uma expressão facial de dúvida, de preocupação, de esquecimento, ou mesmo exibir um gesto denunciador de um exagerado esforço de memória. Todas estas manobras constituem **condutas de Disfarce**, as quais objetivam desviar a atenção de outrem para a sua penosa dificuldade em falar.

Além destas, há outras estratégias criativas que a pessoa desenvolve, visando contornar o problema, usando um sinônimo de verbalização mais fácil, expressões idiomáticas proferidas de modo solene, pomposo ou pitoresco, ou até mesmo cometer propositadamente, erros de pronúncia ou gramaticais grosseiros para provocar risos e, desse modo, despistar a sua constrangedora gagueira. Há ainda o ardil de usar linguagem indireta, mediante circunlóquios e, inclusive, palavras difíceis de se exprimir ou de se entender. Ex.: inverossímil, circunspecto, adredemente preparado, hiper-super-cataclísmico, insopitável desejo, peremptoriamente, aprioristicamente e outros.

Quando a dificuldade se prende a nomes próprios, os artifícios são inúmeros e peculiares, de pessoa a pessoa. Entre os estratagemas criativos, observados – coletados neste estudo – o sujeito que tem gagueira pode recorrer – para minimizar as situações preditivas do vexame e/ou estressantes, convém observar as seguintes:

- a) Chamar o interlocutor pelo sobrenome;
- b) Usar um apelido de mais fácil pronúncia que o nome próprio dela ou dele;
- c) Chamar o nome da pessoa bem alto, no fim de uma inspiração forçada;
- d) Omitir o nome da pessoa, dirigindo-se diretamente a ela através de expressões,

como se estivesse a repreendendo, tipo:

- Ei, cara! - Preste atenção! - Veja bem! - Escute.

e) Imitar alguém chamando-lhe – formalmente e impostando a voz – pelo nome completo, precedido ou não por: - Dr. A. P. de Oliveira filho, ou: - Sr. Fulano.

f) Outras vezes, ao emitir o som e perceber a repetição desnecessária do fonema, a pessoa pode buscar ocultar a gagueira através certos **Disfarces de alegria** – gargalhar, fingindo achar graça de algo, cantarolando uma música ou refrão musical, ou aparentando suspirar, tossir ou pigarrear etc.

Se uma vez tendo seu **Adulto** consciente dos truques realizados com o auxílio do seu **Pequeno Professor** e, com sua **Criança** desejosa de se livrar dessas muletas, o cliente se sente mais leve e solto, tendendo a incorporar novos comportamentos, diferentes dos exibidos em seu **Sistema de Disfarce**.

Aí, então, passa-se a uma nova etapa – mais cognitiva e comportamental – visando o desenvolvimento de trajetos nervosos facilitados nas suas redes neurais (ALLEN, 2004), mediante a aquisição de comportamentos incorporados através treinamento específico.

4. ADOÇÃO DE NOVOS HÁBITOS NO DISCURSO

a) Solicita-se ao cliente que, com o **Adulto** catexizado no modo de plena atenção, que confeccione um inventário de todos os vocábulos em que sentiu dificuldade em emití-las, para que possa realizar um treino com as palavras “temidas” ou indesejadas. O **Contrato** terapêutico consiste em um exercício com seu **Adulto** descontaminado, de repetir frases prontas nas quais, enquanto o cliente mentaliza o contexto receado, é instruído que ele busque pronunciar todos os fonemas de modo claro, e com bastante ênfase na sílaba tônica de cada palavra;

b) Recomenda-se um acompanhamento de um profissional da fonoaudiologia, com o objetivo de treinamento para uma reeducação do aparelho vocal na emissão de todos os fonemas.

c) Além de sessões com fonoaudiólogo, o próprio psicoterapeuta pode enfatizar a importância de que o cliente adote um ritmo novo de falar, com a altura dos sons também diferente do habitual. Isto pode ser realizado na terapia grupal, mas também na individual, alocando parte do tempo de cada sessão terapêutica para um exercício de fazer uma explanação, de improviso, de um tema proposto pelo psicoterapeuta.

5. NEUTRALIZAÇÃO DA ANSIEDADE SUBJACENTE.

De suma importância é o trabalho psicoterapêutico visando a redução significativa dos níveis da ansiedade – tão frequente nos indivíduos acometidos por gagueira – da qual ansiedade subjacente é efeito e também causa do seu agravamento. O transtorno de ansiedade social, também conhecido como Fobias Sociais (**CID-11 F40.1**), as quais podem atuar em comorbidade com a gagueira, agravando-lhe o seu nível de dificuldade de superação da emissão verbal. Por essa razão, cabe a utilização inicial de medicação ansiolítica com o propósito de neutralizar tal inquietação, até que tenha desenvolvido recursos próprios de competência emocional para um adequado e suficiente auto controle emocional.

Em termos de AT, os **Disfarces da ansiedade** são vivenciados na posição denominada de **Frenador (-2)** do **Miniscript Não OK**, de Taibi Kahler (2010), no qual se entra através das 5 mensagens de **Contrascript** ou **Compulsores**. No caso da Gagueira de um ou mais Compulsores superpostos: “*Agrade sempre*”; “*Seja perfeito*” e/ou “*Esforça-te mais*”.

De acordo com o teórico da AT, Jessé Accioly (1996), os **Disfarces da Posição Existencial Não OK/OK (-/+)** são traduzidos por três medos (não inatos) específicos: o medo **de desagradar**, o **de errar ou fracassar**, e o **de não conseguir**. Por isso, um treinamento para internalização dos respectivos **Permissores**, da posição **+1** do **Miniscript OK**, pode dar resultados surpreendentes no tratamento das gagueiras, em curto prazo, como se pode constatar ao final de três meses do exercício desta tarefa.

6. TÉCNICAS ANSIOLÍTICAS

Ainda com o objetivo de reduzir o nível da ansiedade – em uma **escala de 0 a 10** –, mostra-se eficiente que o psicoterapeuta o estimule à realização de alguma prática de técnicas de relaxamento rápido. Para esta meta ser atingida, costuma dar bom resultado: 1º) Encorajá-lo a gaguejar livremente, sem ter vergonha disto; 2º) Insistir para que não se identifique como sendo um gago, e sim como uma pessoa total, que tem problema de gagueira; 3º) Ensiná-lo a relaxar ou aplicar alguma técnica de relax rápido (Ex.: Método de Benson “Aprendendo a Relaxar”, a prática de Ioga e de Mindfulness); 4º) Trabalhar o Sistema de Crenças (ERSKINE & ZALCMAN, 1979), com o objetivo de desenvolver uma autoimagem positiva, elevação da autoestima e autoconfiança; 5º) Um ganho relevante advém do domínio da situação, mediante a **Descontaminação do Adulto** (BERNE, 1985), pela compreensão mais completa do seu problema de fonação, como constatei. Aqui as soluções poderão ser agilizadas mediante internalização dos conceitos fundamentais da Análise Transacional (AT-101). Todos os clientes com gagueira foram por mim encorajados a leituras de livros de AT, fazerem o curso **AT-101** e a se engajarem em nossos grupos de psicoterapia.

Também foram estimulados a participarem de cursos e workshops sobre o tema “Desenvolvendo a Habilidade de Falar em Público”, com resultados apreciáveis.

7. APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DA AT

É observável que, após familiarizar-se com o conteúdo do AT-101, o cliente poderá se beneficiar da aplicação prática de alguns dos mais importantes conceitos básicos do arsenal da AT. O objetivo aqui será eliminar componentes da patologia estrutural ou funcional do indivíduo, pertinentes ao problema da gagueira, como apresentados a seguir.

I) ESTADOS DE EGO

a) Dar consciência de que o problema se exacerba quando a pessoa está atuando na Criança Adaptada Submissa (CAS) ou Criança Adaptada Rebelde (CAR).

b) Quando o **Adulto** está contaminado pela **Criança**, ou pelo **Pai**, ou duplamente contaminado, o problema da gagueira cresce. Por outro lado, quando atuando com o **Adulto descontaminado**, costuma-se observar que a pessoa tende a superar de modo gradual e bem evidente o seu problema de gagueira. Não raro, pode surpreender seus familiares e pessoas amigas ao se comunicar quase sem exibir a gagueira, praticamente sem ter qualquer dificuldade na emissão da sua fala.

c) Quando atuando no **Pai Não-OK**, quer **Pai Crítico (PC)** ou **Pai Nutridor (PN)**, a probabilidade de apresentar a gagueira é também grande, pelo nocivo Diálogo Interno que costuma se estabelecer (**PC- x CAS**).

Uma boa estratégia tem sido oferecer um treinamento grupal ou individual, com a meta de desenvolver, no indivíduo, um controle sobre o seu **poder executivo nos Estados de Ego**, de modo a que ele possa funcionar em seus Estados de Ego positivos nas suas comunicações interpessoais. Quando ele estiver bem treinado em direcionar sua energia psíquica ou **Catexia**, podendo reconhecer, minuto a minuto, seus **Estados de Ego**, e em acionar o seu **Adulto** de modo adequado, o problema da gagueira, na maioria das vezes ficará reduzido ao mínimo, ou sob controle cortical (PEDREIRA, 2010).

Na **Criança Natural (CN)** a pessoa não gaguejará, como classicamente, há muito tempo que se observa que, quando a pessoa está cantando, ou rindo, emite as palavras de modo relaxado, sem gaguejar. Só que ele não pode falar cantando, como cantores de certas óperas! Por essa razão, precisará treinar-se a – fale o que falar – deixar o seu **Adulto** conectado. Com a continuação, será introduzida a noção de **Adulto Integrado** (ERSKINE, 2006) ou **Adulto integrador** (STEWART & JOINES, 1988) que poderá embasar a consolidação da superação da gagueira em um processo cocriativo da psicoterapia.

II) EMOÇÕES E DISFARCES

Devidamente instruído sobre a vantagem de sentir, expressar e atuar as suas emoções autênticas (STEINER, 2001), e da desvantagem de cultivar as **emoções de Disfarces** (COSTA, SANTOS & ALVES 2012), é provável que o problema do indivíduo que sofre com a gagueira, sofra redução gradual das suas dificuldades da fala, até o ponto desejado.

Convém treinar na terapia de grupo – em grupos homogêneos ou mistos – para que o cliente aprenda a conhecer, de pronto, qual a emoção que comparece, quando ele emite a fala com gagueira, e procure neutralizá-la por via mental. Para tanto, dando-se conta de qual o pensamento cáustico (emanado do **Pai Crítico** interno) que está por trás daquela **emoção**, a qual, geralmente é o **medo** adquirido, ou **Disfarces** de medo. Como o que é aprendido pode

ser desaprendido, o caminho é o treinamento para que aprenda a ser competente emocional e supere o medo subjacente a gaguez.

Para tanto, é importante que a pessoa possa aprender a reconhecer suas Emoções de **Disfarce** e a nominalizá-las de modo correto, e que fique atenta para não deixar de identificá-las, enquanto fala. Para isso, mostra-se valiosa, a expressão verbal, para que o indivíduo desaprendendo o uso de **Disfarces** semânticos – verbalizados mediante o uso de eufemismos habituais, (tipo receio, preocupação, etc.) –, os quais só fazem negar a emoção **sentida**, ele se permita sentir e expressar a emoção autêntica oculta.

Ao invés de reconhecer, aceitar e identificar que a emoção subjacente é o **medo**, em geral a pessoa o nega, e declara que está: inibido, receoso, ansioso, preocupado, angustiado, tímido, cansado, envergonhado, afobado, agoniado, estressado, inseguro e outros. Encorajamos que ela se dê conta de que, na verdade, a emoção que sente é o **medo**, em lugar de utilizar tais **Disfarces** semânticos (PEDREIRA, prelo).

III) TRANSAÇÕES

Já devidamente instruído sobre a definição, a representação gráfica e os 3 tipos de Transações, cabe ao terapeuta estimular o cliente a usar a comunicação salutar das Transações diretas, evitando as **Transações Cruzadas**, exceto quando fizer isso deliberadamente, como **Opções** (KARPMAN, 1971) para interromper um dado estímulo, e para evitar **Transação fechada Não OK**, principalmente quando a emissão advém de um **Pai Crítico negativo** do interlocutor.

Também é importante alertar a o cliente, portador da gagueira, que busque evitar as **Transações ulteriores**, pelo perigo que representam, como iscas ao desencadeamento de **Jogos Psicológicos**. Alertar-lhe para a importância de se estar atento, e se ocupar em decodificar prontamente a mensagem oculta, do nível psicológico, sem se preocupar tanto, com o nível social da mensagem Transacional. Funciona muito bem treinar com o cliente para que aprenda a converter a Transação ulterior em **Transação direta, paralela** ou **complementar**. Esta habilidade pode reduzir significativamente o nível oscilante da ansiedade latente, que costuma ocorrer nos portadores da gagueira. Também é válido e importante, fazer exercícios com **OPÇÕES** no contexto da terapia grupal e também de *role play* em sessões terapêuticas individuais, usando as técnicas das 3 Cadeiras ou das Múltiplas Cadeiras (STUNTZ, 1976).

IV) CARÍCIAS OU UNIDADES DO RECONHECIMENTO

Com o **Adulto** do cliente já bem informado da importância vital das **Carícias**, convém estimulá-lo a criar um nível satisfatório de auto Carícias, capaz de modelar uma autoimagem salutar. Outrossim, trata-se de um passo importante na superação dos problemas da gagueira, estimulá-lo a dar, pedir e, principalmente, ser capaz de receber com naturalidade as **Carícias** incondicionais ou condicionais positivas, quer sejam verbais ou não verbais. (STEINER, 1965).

Também convém instigá-lo no sentido de praticar a rejeição das **Carícias** negativas – não só as agressivas, mas também as de lástima – assim como, aprender o máximo acerca das **Carícias** não verbais e verbais, falso-positivas, para não as aceitar, nem tampouco as dar. Esta prática confere ao indivíduo, com problemas de fluência verbal, uma relativa acalmia capaz de facilitar-lhe na expressão da sua fala, sem gaguejar.

Com o sistema caricial devidamente carregado e, portanto, com sua **“fome” psicológica de reconhecimento** preenchida (BERNE, 1985), as dificuldades da fala tendem a ficar minimizadas ou desprezíveis.

V) TRIÂNGULO DRAMÁTICO

Uma vez enfatizada importância de se evitar entrar no **Triângulo Dramático**, elaborado por Karpman (1968) – onde se desenrolam os indesejáveis Jogos Psicológicos que costumam agravar o nível de estresse na área interpessoal – pode, o cliente, evitar se envolver em situações desagradáveis e repetitivas – no comum, fora da consciência do ego **Adulto**. Assim, o clima da conversação costuma transcorrer sem o estresse decorrente da Mudança e Confusão, características dos **Jogos**, e que – na sua dinâmica – precedem o Desfecho final, como se observa na **fórmula “G”** (BERNE, 1988-b).

Também é recomendável que se tire proveito da simplicidade do modelo do **Triângulo Dramático** (KARPMAN, 1968), para denunciar **“Os 4 Mitos”** ou falácias da humanidade sobre bem-estar e mal-estar. Aqui, pela facilidade do entendimento deste conceito, introduzido por Taibi Kahler (1974), e pela força desta ferramenta, é importante impregnar a mente do cliente com a noção de que: **“ninguém com o que faça ou diga, lhe faz passar bem ou mal, exceto se você consentir”**. Óbvio que se faz imprescindível, estabelecer nessa declaração – como um limite à aceitação dessa premissa – a ressalva: **desde que não toque a sua pele**. Ainda é recomendável, acrescentar-se como exceção a esta regra, a ação opressiva de alguém sobre crianças e, em alguns casos, com idosos, bem como em se tratando de pessoas presas ao leito.

Na minha experiência, o cliente já consciente da veracidade dessa afirmativa, tende a assumir a responsabilidade pelo seu próprio bem-estar, ou mal-estar, **evitando**, assim, atitudes projetivas e fantasias indutoras do mal-estar, que costumam acompanhar os distúrbios da fala.

VI) ESTRUTURAÇÃO DO TEMPO SOCIAL

Muito recomendável será se chamar a atenção do cliente para as formas OK de **Estruturação do Tempo** social e suas possíveis vantagens ou limitações. Aqui o grupo terapêutico – específico de clientes portadores de gagueira, ou mesmo inespecífico – mostra-se de enorme valia, como um campo propício ao treinamento das interações, e as possibilidades de identificação dos **6 modos** de Estruturação do Tempo social (BERNE, 1988-a).

Enfatiza-se o valor dos Passatempos, da Atividade e, principalmente da Intimidade, para uma atmosfera serena, sem o risco dos **Jogos** (BERNE, 1988-b) de desencadear um clima desfavorável para conter a ansiedade e, conseqüentemente, propiciarem o agravamento da gagueira, numa comunicação interpessoal. Ao dar-lhe consciência da facilidade com que se emite a fala, em um contexto de Intimidade, bem como em um Passatempo descontraído, em contraste com as dificuldades emanadas dos **Jogos Psicológicos**, como já mencionados acima, ao abordar o **Triângulo Dramático**, o cliente pode ficar mais atento ao modo como vai estruturar o seu próprio tempo.

Encorajar, ainda, o cliente a abandonar o Isolamento social ou alheamento, em que a pessoa está presente só fisicamente, mas mentalmente bem distante. Não raro, essas pessoas, fazendo de conta que estão acompanhando o fio da conversa – fenômeno frequente em reuniões profissionais, acadêmicas inclusive as frequentes aulas online de Ensino À Distância (EAD) que se tornaram tão frequentes durante a recente pandemia do Covid -19). Outrossim, nas interações sociais – pessoas entram em estresse ao serem convidados a emitir a sua opinião sobre o tema abordado! Além de tentarem rastrear, a partir de fragmentos da conversa, e emitirem uma resposta razoável, tendem a exibir uma gagueira aguda, agravando a sua insegurança, já abalada pelas suas respectivas dificuldades na sua fala habitual.

Uma boa aquisição para o cliente pode advir do exercício de uma boa escuta, que pode levá-lo a se converter – pelo menos – em um bom ouvinte. Um bom reforço, que funciona como estímulo à mudança de atitude, é a de estimular o portador da gagueira a entender que, o bom interlocutor, nem sempre é o indivíduo que monopoliza a conversa. Pelo contrário, com facilidade, o cliente irá constatar a veracidade dessa assertiva, e poderá se convencer a praticá-la, e passar a adotá-la como um novo hábito de interlocução. Comumente, pode-se passar a ser um ótimo ouvinte, e até o ponto de vir ganhar o prestígio de ser aquele, do grupo, que faz colocações mais ponderadas. Como o ser humano pensa mediante imagens mentais (elaboradas pelo seu **Pequeno Professor**) e por palavras, (PEDREIRA e PEDREIRA, 2019), pode,

enquanto escuta calado a fala de outrem, aprender a ensaiar com seu **Adulto** – no palco da consciência – as palavras mais adequadas a serem utilizadas, momento a momento.

Com muita frequência, depois de adotar essa atitude mental, esses indivíduos poderão se surpreender com frequentes solicitações para confidências de colegas, amigos e parentes. Assim, conseguem mudar a frequência no seu padrão de **Estruturação do Tempo Social**, saindo da preponderância do Isolamento e dos Passatempos, para uma maior **Intimidade** psíquica.

Muitas pessoas, acometidas de gagueira, tendem a se retrair socialmente, chegando a se tornar indivíduos antissociais. Cabe ao terapeuta, utilizar tal Isolamento físico, para incentivá-las a executar treinamentos fonéticos, ao invés de cederem à compulsão de realizarem Diálogos Internos de auto recriminação, os quais excluem o **Adulto** e incrementam o mal-estar.

VII) JOGOS PSICOLÓGICOS

Uma tarefa habitual dos psicoterapeutas, analistas transacionais, consiste em desencorajar os seus clientes a praticarem os **Jogos Psicológicos**. Ao tempo em que demonstram a praticidade da **Fórmula “G”** (BERNE, 1988-b) na identificação dos lances de um dado **Jogo**. E, também se familiarizarem com a simplicidade e a profundidade do Triângulo **Dramático** de Karpman, adquirindo uma noção óbvia da dinâmica desse processo gerador de mal-estar, inclusive clarificando de que ninguém realiza um **Jogo** sozinho, e conscientizar-se, qual a sua real participação nessa dinâmica. Em pouco tempo, o cliente estará habilitado a identificar e a denunciar os **Jogos**, dos quais costuma participar, e do como evitar entrar neles, principalmente os denominados:

“**Sim, mas...**”, “**Jogo de Tonto**”, “**Desastrado**”, “**Bate-bocas**” e outros.

Conforme já mencionado previamente neste artigo, ao abandonarem a prática dos **Jogos** – que lhes convidam a passar mal e agravar a gagueira – será possibilitada a adoção de uma estruturação do seu tempo, de maneira mais favorável, podendo chegar até à Intimidade. Assim, agregará mais paz interior e uma atmosfera psíquica mais amena, que se traduzirá pela redução gradativa do seu secreto sofrimento psíquico.

É possível, também, registrar-se graficamente a distribuição diária, do nosso tempo, nas seis modalidades de preenchê-lo, mediante a construção de **Tempogramas** periódicos (KERTÉSZ, 1985). Uma vez tomada a consciência do como se está estruturando o tempo social, passando a investir em modos mais adequados, poderá facilitar uma crescente e significativa melhoria da sua indesejada dificuldade com a fala.

VIII) POSIÇÃO EXISTENCIAL

Através dos conceitos básicos da Escola Clássica da AT (BERNE, 1961), sabemos que, pelo juízo de valor que o indivíduo faz de si mesmo, do outro e do mundo, sobrevém a **Posição Existencial básica (P.E.)**, na qual a pessoa passa a maior parte do seu tempo. Convém assinalar que existem oscilações circunstanciais na Posição Existencial, como descritas no **Curral Ok** (ERNST, 1971).

Em pessoas que padecem de gagueira – na dependência do seu entorno – costumam ter agravada a sua gaguez, diante de figuras de autoridade. Tal agravamento pode ser algo episódico ou sistemático, apresentando uma súbita reatividade, na qual o estímulo externo pode ser real ou imaginário, e que leva a pessoa a evocar uma **P.E. Não OK/OK**, com maus sentimentos de **Disfarces de medo**: insegurança, inquietação e ansiedade.

Como as pessoas que gaguejam, naquele momento exato da manifestação do problema, tendem a se achar na **Posição Existencial Não OK/OK (-/+)**, sentindo-se inadequadas. Estarão atuando em uma Criança Adaptada Submissa em relação a alguma figura parental do passado e também reagindo a uma evocação desconfortável atualizada no presente. Convém, aqui, relembrar o conceito do **Estado de Ego Criança**, como: “o modo de pensar, sentir, falar e agir de quando a pessoa era criança” (STEWART & JOINES, 1988). A **Criança Adaptada** vai se desenvolvendo durante os “anos plásticos” (BERNE, 1988-b) à medida que vai se submetendo às diretivas parentais em seu processo educativo. No período inicial da lalação, as palavras vão sendo buriladas a partir de fonemas repetidos pela repetição de sílabas: papá, mamá, babá, vovó e outros, e que, no comum, são celebradas pelos pais ou figuras substitutas com grande alegria.

Todavia, entre 4 e 5 anos, os pais ou substitutos começam a ficar tensos quando aparecem as primeiras frases com indícios de gagueira. Se há casos de gagueiras na família, as crianças podem ser repreendidas de modo severo, nominalizando:

- Pare de gaguejar! Pare de bodejar!

Como “crianças não são adultos em miniatura”, como bem assinalou PIAGET (1967), elas acabam por se sentirem envergonhadas, ou seja, com **medo à censura**. Essas vivências traumáticas – passando a ser repetidas na pré-escola ou no curso elementar – podem marcar a pessoa, toda vez que sentir que gaguejou ou se travou na sua expressão verbal.

Pode ainda, depois de muitas vivências traumáticas com sua fala, o infante passar a exibir episódios de mutismo eletivo (CID-10 F 94.0) ou a gagueira (**Gagueira CID-10 F 98.5**).

Fica evidente que, ao mesmo tempo em que se reflete na emissão da sua fala, estes distúrbios acabam por promover a adoção de uma sensação subjetiva de menos valia, ao

comparar-se com um irmão, primo, ou colega que receba um monte de **Carícias positivas** por falar desembaraçadamente. Enquanto isso vai se cristalizando, a **Posição Existencial básica: Não OK/OK** da pessoa se fixa, por ser comparado por figuras de autoridade – ou mesmo por se compararem – com outros indivíduos de faixa etária próxima, e que não tenham gagueira ao falar. As frequentes comparações com pessoas que tiveram e já a superaram, ou não, as dificuldades na aquisição da linguagem falada livre de distúrbios, podem constituir estímulos bastante e suficientes para se confirmar uma **Posição Existencial básica**, ou mesmo a oscilação momentânea da sua **P.E.** através da prática de uma **Transação Transferencial** (STEWART & JOINES, 1988).

Um trabalho de Auto Reparentalização (JAMES, 1974), ou de entrevista com o pai (PEDREIRA, 2020), ou também de Recriação (PEDREIRA, 1983; CLARKSON 1987) podem ajudar bastante na superação das gagueiras. Também Técnicas de **Redecisão** (GOULDING & GOULDING, 1987) podem ser muito úteis na resolução de Impasses e libertação de traumas, derivados de vivências catastróficas na vida infantil e juvenil. Tudo isso sem contar com traumas e re-traumas decorrentes de situações de bullying, na escola ou na família (Endo e exo-bullyings).

Valiosas intervenções terapêuticas de empoderamento podem ser praticadas mediante reforços positivos, e validação da unicidade de cada ser humano. (PEDREIRA, prelo)

Como nem sempre o cliente detém os conhecimentos teóricos da A.T para aplicação na sua vida prática, a chave aqui é fazer um **Contrato** com ele, para que desista de andar se comparando com os outros. Em termos de Gramática das Emoções (PEDREIRA, 2013) é possível se fazer uma correlação significativa entre **P.E.** e as preposições. Para tanto, sugiro que a pessoa passe a observar cada preposição que traduz as **Posições Existenciais** mais frequentes: ficar **sobre (+/-)** ou **sob (-/+)**. Convém frisar que o ideal para se estar bem é a posição OK/OK (BERNE, 1988-b), traduzida pela preposição **com**.

IX) ELEMENTOS DO SCRIPT DE VIDA

A pessoa que apresenta um problema de gagueira, em sua forma grave, é mais provável que esteja cumprindo um **Script** de perdedor ou de não ganhador, do que o de vencedor. No entanto, apresentar dificuldades da fala, referentes a transtornos comportamentais e/ou emocionais, com início na infância ou na adolescência – desde que não seja atribuível à presença de anormalidades neurológicas, ou a um QI bastante abaixo da média – que lhe afete

sobremodo a inteligência verbal, não significa que o sujeito com distúrbio no desenvolvimento da fala normal, esteja condenado a ser um perdedor.

Na minha experiência pessoal e clínica, a superação dessa dificuldade na fala pode representar um enorme estímulo capaz de motivá-lo a obter novos triunfos, em termos pessoais e profissionais, podendo, inclusive, se converter em um grande orador. Assim, uma dificuldade da articulação e/ou na emissão da fala pode se constituir fator importante para uma significativa mudança no curso de uma dada trajetória de **Script**, para o bem ou para o mal.

As **Injunções** mais frequentes, encontradas em pessoas que padecem da gagueira são: “*não triunfes*”, “*não faças*”, “*não desfrutes*”, “*não sejas importante*”, “*não seja você mesma*” e “*não se arrisque*”.

Na abordagem psicoterápica com uma pessoa acometida por transtorno da fala, a minha preferência recai em trabalhos terapêuticos através da neutralização das mensagens embruxantes, ou seja, que decorrem de diretivas parentais as quais causaram impacto forte sobre aquela pessoa em um dado momento da infância. Na vida adulta, ao escutar determinadas palavras, cujo significado serve de gatilho para a evocação de estímulos adversos, estes lhe levam a se sentir insegura e desconcertada. Para alguém com gagueira, tais estímulos têm o valor equivalente a sugestão pós-hipnótica! Portanto, de efeito retardado. Tais mensagens são veiculadas pelos provérbios tradicionais (PEDREIRA, 1987), e por palavras bruxas (PEDREIRA, 1989).

Consiste, o exercício, em elaborar uma lista de vocábulos capazes de promover um surpreendente e súbito mal-estar, pela carga emocional que o remete a uma vivência desagradável na vida infanto-juvenil. Em seguida, levar este material para a terapia individual ou grupal, para a devida elaboração.

Em um trabalho psicoterápico grupal, é proposto que cada participante busque identificar em si próprio, e compartilhe com o grupo, quais as principais palavras que exercem efeito embruxante sobre si mesmo. Assim agindo, ao denunciá-las, estará encorajando essa partilha, e atuando terapêuticamente – junto aos presentes – e promovendo a dissensibilização dos respectivos embruxamentos, que tanto agravam a dificuldade de verbalização, nos portadores da gagueira, facilitando assim, a superação progressiva, até obter-se a solução das limitações impostas aos que de problemas de sua fala. Esta revelação – pura e simples – do grande segredo que insiste em ocultar, tende a levá-lo a uma tomada de consciência de que, tal assunto **não é** padecem **atual** e sim remoto, e **que foi atualizado no presente**. É surpreendente o que ocorre nas sessões subsequentes: uma sensação de libertação de uma escravidão auto infligida e auto mantida.

X) MINISCRIPPT

O indivíduo com problema de gagueira tem o seu problema em íntima conexão com os **Compulsores**, “*Apressa-te*” e “*Esforça-te mais*”, os quais, em primeira instância, se traduzem, respectivamente: pela fala acelerada, que prejudica a nitidez da dicção, e pelo esforço exagerado sobre a musculatura da face e da mímica facial, não raro, produzindo uma série de caretas e contrações labiais.

Comumente, no **Miniscript** negativo, a pessoa passa da posição **(-1)** para a **(-2)**, e nela manifesta o **medo** inconsciente **de não conseguir** falar com clareza ou com boa fluência. Estes medos, no geral, se expressam mediante somatizações e posturas de esforço. Aí está uma pista para detectar-se a ansiedade que costuma ocorrer, subjacente ao Compulsor “*Esforça-te mais*”, agravando-lhe sobremodo o problema da dicção.

Quando o Compulsor “*sê perfeito*” é o mais desenvolvido, as atitudes perfeccionistas do indivíduo se refletem também na fala, pela escolha de palavras difíceis, bombásticas e exóticas. Torna-se evidente toda aquela série de manobras que a pessoa, tomada pelo **medo de errar ou falhar**, lança mão para ocultar uma fala imperfeita. O **medo de errar** parece que persegue estes indivíduos, que na verdade se deixam perseguir pelo temor de mostrar algum defeito, gerando-lhe toda aquela aflição, que agrava a gagueira.

A Desqualificação interna é aquela conhecida: - “Não podes mostrar a ninguém que não és perfeito”. Todavia, o Compulsor prevalente, nos nossos estudos, é o “*Agrade sempre*”, pois todo o **esforço** a mais, perseguição da **perfeição** e toda a **pressa** no falar são mecanismos defensivos, para compensar o medo de desagradar, base de toda ansiedade emanada na hora de falar. Corresponde à posição de Frenador **(-2)** do Miniscript negativo, cuja posição de um bem-estar fugaz, é a **(-1)** do Compulsor “*Agrade-a*”.

A antítese deverá ser exercitada com **potência**, **proteção** e **permissão** pelo terapeuta, e internalizada pelo **Pai Nutridor** positivo interno do cliente, que repetirá frases tipo: *É ok ser eu mesmo! Basta fazer bem feito. Não preciso ser perfeito. É ok falar com calma: temos tempo. Não precisa tanta pressa. Não vim a este mundo para satisfazer às expectativas alheias.*

Segue uma mensagem permissora específica, para ser internalizada por pessoas com gagueira:

- É ok gaguejar sem ansiedade, até superar o problema da gagueira.

Outra abordagem para reversão da “maldição” do **Script** é se buscar detectar as **Injunções**, as quais são as vigas-mestras do **Script** de Vida, e neutralizá-las.

Convém, também buscar na história de cliente, a existência de mensagens verbais internalizadas na vida infanto-juvenil, denominadas por Steiner (1972) como: **Atribuições**. São traduzidas por diretivas enunciadas pelos genitores, ou figuras substitutivas, emitidas como imperativos afirmativos ou negativos, do tipo: - *Você é...* ou, - *Você não é...*

- *“Você é gago, mesmo que seu tio José”*. Ou,

- *“Você não fala direito, hein?!”*

- *“Isto é de família: você puxou ao seu avô e a seu pai”*.

Uma ótima intervenção terapêutica é através do **“Sistema de crenças”** (ERSKINE & ZALCMAN, 2010). Nele, buscar detectar qual a crença de Script presente, e confrontá-la, ou realizar a Desconfusão da Criança, mediante a técnica da Redecisão (GOULDING & GOULDING, 1975).

Em sessões grupais ou laboratórios com pessoas portadoras destes problemas, funcionou bem, propor, após um relaxamento, com olhos cerrados, que a pessoa evoque 5 situações traumáticas de sua vida, com possível conexão com o seu problema da Gagueira. Nesta vivência, iniciada com a sintonia de uma destas aflições que tenha sofrido recentemente, num ambiente social, pode-se rastrear eventos arcaicos, para que os identifique, sinalizando ao **Adulto** do psicoterapeuta, para a tomada de uma nova decisão que venha a substituir àquela primal.

Para se realizar uma efetiva **Redecisão**, pode-se solicitar ao cliente que busque detectar na sua vida infantil um ou mais destes itens: **(1º) Um ressentimento; (2º) Uma descoberta; (3º) Uma concessão; (4º) Um momento de vitória; (5º) Uma revelação**. Depois de compartilhar com o grupinho, e/ou com o grupão, **DECLARARÁ SUA NOVA DECISÃO**. O grupo a apoia e aplaude ao final, como reforço. Funciona bem, um fechamento do trabalho terapêutico com o grupo compacto, no qual cada um dos participantes faz contatos visuais aleatórios com cada membro do grupo, exclamando: – **NÓS! NÓS!** E seguem aplausos como um último reforço à nova decisão tomada

Os aspectos abordados neste artigo sobre a gagueira– um tema sempre atual, mas pouco estudado do ponto de vista psicoterápico – são trazidos com substanciais reflexões, através de conceitos pragmáticos de correlações teóricas e práticas, feitas dentro do instrumental terapêutico da Análise Transacional.

Entre as inovações aqui propostas nesse artigo, estão:

1º) Preenchimento, no tratamento da gagueira, de lacunas que havia na sua abordagem psicoterápica, tendo em vista diminuir o enorme sofrimento secreto das pessoas que padecem desse transtorno não voluntário da fala.

2ª) Compartilhamento com base em sua própria vivência de anos de gaguez, além da experiência acumulada em 40 anos com AT, ao lidar com centenas de clientes que buscaram reduzir a **dislalia**, ou mesmo atingir a desejada **eulalia**.

3ª) Como na gênese da gagueira, há carências psíquicas decorrentes de mensagens negativas e geradoras de insegurança, que precisam ser preenchidas. Tais lacunas foram transmitidas desde a infância e pré-adolescência, pela desaprovação ao seu modo de falar, ou mesmo que foram equivocadamente interpretadas pelas crianças ao se sentirem rejeitadas por terem sido desqualificadas nas suas dificuldades iniciais de falar. Aqui, é possível identificar distintas formas de repressão severa, praticadas pelas figuras parentais ou substitutas, nas quais a criança acaba por desenvolver sentimentos de menos valia, os quais só agravam a gagueira. Tais situações conflituosas com desajustes emocionais podem funcionar como “**sentimentos elásticos**”, no conceito canônico elaborado por Kuppfer e Haimmowitz (1971). O fato é que, uma vez instalados esses sentimentos, o indivíduo pode carregá-los por toda a vida, e podem ser acessados e disparados por estímulos – aparentemente banais para outrem – nas relações interpessoais, por conjunturas desagradáveis, ou até mesmo autogeradas. Assim é que reforçam – na maioria das vezes – uma autoimagem desfavorável, mas que pode ser reparada através da Desconexão dos Elásticos (KUPPFER E HAIMMOWITZ, 1971).

4ª) Fazendo-se uma análise transacional, do tipo disfuncional de gagueira, no histórico apresentado por cada cliente, ficam evidentes as repetições de padrões de pensamento, sentimento e comportamento relacionados à intensidade e extensão da gagueira do cliente.

5ª) Compartindo a minha prática clínica, ao logo dos últimos 40 anos com AT, recomendo como essencial a realização de um trabalho que, a partir da **conscientização**, possa permitir ao **Adulto** do cliente rever seus padrões de artifícios para camuflar a gaguez, estratégias que cada pessoa desenvolve como **Disfarces**, e decida a abandoná-los.

6ª) Fornecer estímulo para o psicoterapeuta buscar, a partir de **Permissões**, a viabilização da internalização de um **novo Pai** – correspondente a novas redes neurais (ALLEN, 1998) – mediante um processo de cocriação dentro da aliança terapêutica. Tal processo poderá, – em termos de neurobiologia – ser capaz de estimular novas conexões que favoreçam à auto aceitação e a ampliação da sua rede de relacionamentos. Estas novas vinculações podem facilitar a que o sujeito se permita aceita e assimilar a sua unicidade, e a possibilidade de vir a passar bem, apesar da gagueira. Estes bloqueios à emissão da fala, presentes ou em um estado latente, precisam ser sucessivamente: reconhecidos, vivenciados e aceitos.

7ª) Realçar o valor da Confrontação das **Desqualificações** – de sua capacidade de virem a superar a dislalia – tanto quanto fazer a Confrontação das **Grandiosidades**, que costumam

fazer do seu problema na fala, e do significado pernicioso de tais mensagens, algo antagônico ao seu bem-estar. Em termos pragmáticos, apoiado pelo **Adulto** do psicoterapeuta, é OK investir tempo e energia para o auto controle da ansiedade – subjacente à gagueira – e poder alcançar as mudanças efetivas para atingir-se o estágio da **eulalia**, desejado pelo cliente.

É importante assinalar que o psicoterapeuta não terá de utilizar, com um mesmo cliente, todos os conceitos e técnicas da AT aqui apresentados. Ficará ao seu alvitre, a escolha do que lhe pareça mais adequada ao caso em pauta, conforme a sua percepção diagnóstica.

O presente artigo atingiu o objetivo proposto de oferecer – aos psicoterapeutas e clientes – demonstrações do uso de conceitos da AT: Estados do Ego, Transações, Carícias, Grandiosidade e Desqualificação, Estruturação do Tempo Social, Triângulo Dramático, Jogos Psicológicos, Sistema de Crenças, Emoções e Disfarces, Script de vida, Compulsores e Permissores, com a intenção de propiciar uma abordagem efetiva, visando a resolução e o bem-estar aos portadores da gagueira.

Esse trabalho teve como objetivo demonstrar o que pode oferecer uma psicologia humanista existencial, como a Análise Transacional, para auxiliar indivíduos que padecem do transtorno da gagueira. Este foi o desafio que me motivou a apresentar aqui, essa abordagem exitosa, que obtive em um número significativo de clientes, os quais apresentavam algum grau de gagueira. Embasado em experiência teórica e prática com AT, acumulada ao longo de cerca de 40 anos da sua práxis de psicoterapeuta pelo acompanhamento de centenas de clientes que, além do sofrimento pessoal, apresentavam dificuldades na sua vida intrapessoal e interpessoal, e os consequentes prejuízos.

Há espaço para maiores aprofundamentos destes conceitos em suas aplicações na área acadêmica, profissional, social, de casal e da família.

REFERÊNCIAS

- ACCIOLY, J. & ATHAÍDE, A. *Educação Emocional*. Gráfica Sta. Helena, Bahia, 1996.
- ALLEN, J. R. *Biologia e Análise Transacional II: um relatório analítico sobre neurodesenvolvimento*. REBAT Ano VIII, N.1, junho, 1998.
- BERNE, E. *Análise Transacional em Psicoterapia*. São Paulo; Summus, 1985.
- _____. *Os Jogos da Vida*. São Paulo; Artenova, 1988-a.
- _____. *O que você diz Depois de Dizer Olá*. São Paulo; Nobel, 1988-b.
- CID – 11. Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde.
- CLARKE, S. L. *Clarke's Dictionary of Transactional Analysis*. Peace Imprints. Saint Paul, Minnesota, USA, 2012
- COMPON, D. *Stammering – Its nature history, causes and cures*. Hodder & Stoughton – UK, 1993.

COSTA, J., SANTOS, B. e ALVES, T. *Das Emoções aos Sentimentos construindo um caminho com coração*. Porto Alegre: Letra & Vida, 2012.

DEMÓSTENES, amentemaravilhosa.com.br/demostenes-grande-orador-gago/ *Demóstenes, o grande orador gago*. Acesso em: 30 de abril de 2021.

DSM V – Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos da (APA): Associação Psiquiátrica Americana, 2019.

ERSKINE, R. G. e ZALCMAN, M. J. *O Sistema de Disfarce*. TAJ, v.9, janeiro, 1979. In: Prêmios de Eric Berne 1971-1997. UNAT-BRASIL. Porto Alegre, 4ª Ed. 2010.

ERNST, F. *Curral Ok: o diagrama para seguir junto*. TAJ, v. 1, outubro 1971. In: Prêmios de Eric Berne 1971-1997. UNAT-BRASIL. Porto Alegre, 4ª Ed. 2010.

GOULDING, M. & GOULDING, R. L. *Ajuda-te pela Análise Transacional*. SP-IBRASA, 1985.

JAMES, M. *Auto Reparentalização Teoria e Processo*. TAJ, v. 4, julho 1974. In: Prêmios de Eric Berne 1971-1997. UNAT-BRASIL. Porto Alegre, 4ª Ed. 2010.

JOINES, V. *O uso da terapia da redecisão com diferentes adaptações da personalidade*. REBAT, Ano IX, n 1, junho 2000, p.9-26

KARPMAN, S. *Opções*. TAJ, v.1, jan 1971. In: Prêmios de Eric Berne 1971-1997. UNAT-BRASIL. Porto Alegre, 4ª Ed. 2010.

_____ *Script Drama Analysis*. Transaccional Analysis Bulletin, April, 1968.

KAHLER, T. & CAPERS, H. *O Miniscript*. TAJ, v.4, janeiro 1974. In: Prêmios de Eric Berne 1971-1997. UNAT-BRASIL. Porto Alegre, 4ª Ed. 2010.

KERTÉSZ, R. *Análise Transacional ao Vivo*. São Paulo; Summus, 1985.

KUPFFER, D. & HAIMMOWITZ, M. *Intervenções Terapêuticas: Elásticos*. Parte I. TAJ, 1971:1(2)

MELLOR, K. & SCHIFF, E. *Desqualificação*. TAJ, v.5, julho 1975. In: Prêmios de Eric Berne 1971-1997. UNAT-BRASIL. Porto Alegre, 4ª Ed. 2010.

OMS <https://www.ibes.med.br> Disponibilizado pela OMS (2021)

PEDREIRA, A. e PEDREIRA, S.N. *Os 10 passos para Assertividade*. Paginae Editora. Bahia:(2019)

PEDREIRA, A. *La hora y la vez de la Competencia Emocional*. A Priori Edit. 1ª Ed. Salvador; 2011.

_____ *Glossário de palavras bruxas (e chavões embruxantes)*. Bahia:(1989) Ed do autor

_____ *Gramática das Emoções*. A Priori Editora, 3ª Ed Revisada e ampliada, 2013,

_____ *Reforços argumentais através dos provérbios*. Monografia. Salvador a BA, 1987.

_____ *Sufrir o Disfrutar, Cuestión de Opción*. Revista de AT y Psicología Humanista. Vol. XXVIII; PP.31-45; No. 62; Madrid España, 2010.

_____ *Análise Transacional de Conselhos Tradicionais*. Ba: A Priori Edit.12ª Ed. 2011.

_____ *Nova Abordagem de Entrevista Parental para a Resolução de Impasses*. REBAT, 2020.

_____ *A hora e a vez da Competência Emocional*. Bahia: Paginae. 15ª Ed. BA (2021) no prelo.

PIAGET, J. *O Raciocínio na Criança*. Tradução Valerie Chaves. Rio de Janeiro: Record, 1967

SCHIFF, J. *Leituras do Cathexis: Tratamento de Psicoses*. UNAT-Brasil – circulação restrita, 1986.

STEINER, C. *Os papéis que vivemos na vida*. São Paulo: Artenova, 1976.

_____ *Educação Emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

STEWART, I. & JOINES, V. *TA Today, A New Introduction to Transactional Analysis*, Lifespace Publishing England and Chapel Hill, USA, 1988.

STUNTZ, E.C. *Multiple Chairs Technique*. TAJ. III: April, 1973.

=====

.